

## “POR ONDE ANDA MAKUNAÍMA?” ROTEIRISTA E PRODUTOR FALAM SOBRE O LONGA VENCEDOR DO FESTIVAL DE BRASÍLIA DE 2020



Klaus Schmaelter e Juliana Colares, produtor e roteirista de *Por Onde Anda Makunaíma?*

Por: Leonardo Puglia<sup>1</sup> – 5 de junho de 2020

“Por Onde Anda Makunaíma?” Pergunta o diretor Rodrigo Séllos, no documentário vencedor da Mostra Oficial de Longa-Metragem, do Festival de Brasília de 2020, a mais tradicional competição do cinema brasileiro.

A busca vai além do célebre anti-herói immortalizado na cultura nacional pelo livro de Mário de Andrade e viaja até a remota região da tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, onde estão as origens do mito.

O que esta jornada nos revela sobre a cultura brasileira e sobre os povos originários, que seguem resistindo no mundo contemporâneo?

---

<sup>1</sup> Jornalista (UERJ) e doutor em Ciências Sociais (PUC-Rio). Professor da Faculdade Católica Salesiana de Macaé, em Macaé-RJ, e sócio na agência Martelo Marketing. E-mail: [leopuglia@gmail.com](mailto:leopuglia@gmail.com)  
Site: <https://leopuglia.com/>

São algumas reflexões que Juliana Colares, roteirista do filme, e Klaus Schmaelter, profissional de cinema que trabalhou na produção, trazem para esta edição da Revista Visões.

Além do prêmio no Festival de Brasília, *Por onde anda Makunaíma?* foi selecionado pela 42ª edição do Festival de Havana.

Confira a entrevista na íntegra:

**Revista Visões – Do que trata o documentário: *Por Onde Anda Makunaíma?* e qual foi a participação de vocês?**

**Klaus Schmaelter:** O *Por Onde Anda Makunaíma?* Tem mais de um nome. Ele pode ser *Por Onde Anda Macunaíma?* Mas pode ser também *Por Onde Anda Makunáíma?* O que é um pouco do que o filme trata. É um documentário que tenta traçar o caminho dessa personagem muito famosa na literatura brasileira. Tenta contar as origens dela que, sem querer dar muito spoilers, faz parte de um mito indígena da região dos povos do monte Roraima. Eu e a Ju somos os pescadores desse projeto. A Ju é a roteirista também. Ela pode falar um pouco melhor sobre o caminho que escolhemos traçar.

**Juliana Colares:** A gente partiu da personagem Makunaíma. Entre as etnias indígenas, trata-se de um mito, do fundador da região de Roraima, mas a gente parte da personagem de Mario de Andrade. Makunaíma foi polêmico desde o lançamento do livro (1928), mas acabou se tornando uma espécie de símbolo de certo ser brasileiro. Não que ele seja totalizante, mas existe uma identificação em Makunaíma de uma brasilidade, e a gente foi atrás da origem dessa personagem, chegando no Makunáíma ou Makunaíman, como é chamado. A gente percebeu que a história era muito mais interessante do que a gente conhecia. O livro de Mario de Andrade já traz um marco na literatura e nas artes, mas a gente foi atrás de descobrir quem era essa personagem originalmente, como ela vai parar no livro, quais são as consequências da narrativa para a literatura ocidental, por que um dos entrevistadores fala: branca ou esbranquiçada, o que acontece com essa personagem. Falar também das pessoas que estão nessa região e ressignificar, a partir da história do mesmo fundador.

## **Revista Visões - Vocês viajaram a Roraima, Venezuela e Guiana para pesquisa e produção do filme. Como foi essa experiência?**

**Klaus Schmaelter:** Então, o diretor do filme é o Rodrigo Séllos e ele tem um projeto de filme de ficção. Porém o documentário saiu antes desse projeto, mais que um ano antes. Em 2017, a gente foi a Roraima para poder pesquisar para esse filme, que é um filme sobre uma personagem indígena, baseado em uma história de um indígena. Quando fomos lá, ficamos sabendo sobre o Makunaíma, que naquela região de Roraima é absolutamente conhecido. Chega a ser clichê falar Makunaíma, no sentido que é uma personagem amplamente conhecida na região, porque já faz parte da cosmogonia do povo daquela região: os Macuxis, os Uapixanas, os Taurepangues... São diferentes etnias que estão ao redor do Monte Roraima e elas são transnacionais. Então, tem esses povos e seus descendentes em Roraima, mas também na Venezuela e na Guiana. Na primeira visita que eu fiz àquela região, que foi em 2017, por causa desse filme de ficção, a gente foi até Guiana, mas na volta, para filmar o documentário, fomos à Venezuela e aqui, no Brasil, fomos a diferentes regiões em volta do Monte Roraima para conversar com os indígenas da região, buscando conhecer mais dessa história, para entender quem é Makunaíma. Eu cresci sabendo de Makunaíma como uma personagem quase que folclórica, de uma certa maneira, meio caricata também, com jeitos e trejeitos na linguagem como a do povo brasileiro. Só que quando você chega naquela região para escutar e entender um pouco melhor a história, descobre que é uma personagem muito diferente do que a gente costuma ver, do que ficou famoso: o Grande Otelo, personagem do filme do Joaquim Pedro, que é uma coisa que a gente também trata no documentário. Quando a gente vai para aquela região para escutar o que eles acham, descobre que é uma personagem um tanto diferente. O que você acha, Juliana?

**Juliana Colares:** É isso, Makunaíma foi adaptado para o livro, para o cinema, para o teatro... e todas as representações são importantes marcos para a cultura brasileira. O filme do Joaquim Pedro, por exemplo, não só é um marco na época do cinema novo, mas também foi o filme mais censurado no Brasil, durante a Ditadura Militar. Quando ele vai para o teatro, já é em 1979, no período da abertura. Ele também provoca uma mudança no teatro contemporâneo. Então, a gente fez São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e várias outras pequenas cidades em Roraima e na Venezuela, pesquisando. Ele foi um filme bastante difícil. Passamos muito tempo fazendo pesquisa, muito tempo escrevendo o roteiro. Eu gosto muito desse filme também na perspectiva de roteiro, de documental.

É uma coisa um pouco nebulosa escrever roteiro nesse estilo. Então a gente partiu de uma vasta pesquisa que eu e Klaus fizemos junto com o diretor. Séllos estava o tempo inteiro, desde o começo até o final, em todas as etapas. Ele é um ótimo diretor para trabalhar com roteirista, por ser inclusive um roteiro de documental. Ele segue o roteiro. É um diretor para aquecer coração de roteirista. A gente teve muito trabalho para conseguir contar uma história que é muito lúdica, que acertasse a vida das pessoas de todas as etapas de formas muito intensas e interessantes, conectadas com aquele momento que estava acontecendo. Então, Makunaíma, de Mario de Andrade, é um. Makunaíma do Cinema Novo é outro. Makunaíma no teatro é outro. Existem essas reinterpretações e conexões do brasileiro ocidental com Makunaíma e as dos brasileiros indígenas, ou não brasileiros, das etnias daquela região e daqueles países. Até essa ideia de canteiro é uma ideia bastante ocidental. O mito não tem essa ideia de canteiro. Ele não acaba no Brasil. Ele perpassa. Então, são relações muito intensas, tanto das nossas culturas mais ocidentalizadas com esses diferentes personagens e diferentes manifestações na arte, quanto das etnias indígenas com esse mito fundador, que até explica a geografia da região.

**Klaus Schmaelter:** Acho que rola isso, de nova interação, cada vez que Makunaíma reaparece, pois ele reaparece com traços do próprio tempo em que ele está reaparecendo e não apenas do tempo dele. Então, se para aquelas comunidades indígenas ele é um mito fundador, para o Mario de Andrade, ele vai satisfazer uma certa ânsia dele de tentar falar do brasileiro. Ele encontra ali traços de coisas que ele está tentando tratar. Então ele pega e se apropria para a década de 1920, para o momento histórico dele e para a visão dele do Brasil para poder falar de Makunaíma. É uma apropriação, e ele não esconde isso de nenhuma maneira. Ele fala: “roubei de todos”, “roubei frases inteiras”. Quando vai para o cinema do Joaquim Pedro, cria-se outro Makunaíma, porque o filme vai tratar de ditadura militar. O final do filme é diferente do final do livro, por exemplo. Quando ele vai para o Antunes, que também é um autor que tem uma marca e está procurando uma verdade dele, a partir de 1978, e vai fazer uma carreira de 10 anos, ele vai ser outro Makunaíma. Tem um Makunaíma de outro filme, que é do Paulo Veríssimo, que é meio obscuro e quase ninguém viu. Então são muitos Makunaímas, e essa multiplicidade é um desafio para contar. A gente meio que foi sacando essa multiplicidade desde o início. Então, o fato de ser múltiplo, na verdade, é uma coisa muito importante para a gente no filme. A gente não tenta definir Makunaíma, o nome do filme é uma pergunta, inclusive. A gente está investigando isso já que Makunaíma aparece diferente

em cada tempo que ele reaparece. Se fosse agora, que Makunáima seria esse? De algum jeito, é uma pergunta que fica rondando a gente, e o fato dele ser o mito fundador é muito interessante, porque mito não é mentira. Mito não é só uma lenda, como a Juliana falou, ele está trabalhando com a formação do território. Tem montanhas naquela região que foi Makunáima que esculpiu. Alguma coisa específica, um alguém que foi transformado em pedra. A pegada de Makunáima, enfim, tem coisas que são absolutamente materiais, e não um devaneio. E aí coloca a gente nesse lugar de discutir isso também: o que é mito, o que é realidade. Cada vez que makunáima volta e é representado, ele fala sobre o nosso tempo, as coisas em volta dele.

**Revista Visões – Como é a relação do personagem, do mito enquanto verdade, para as outras regiões do Brasil? Vocês estão se perguntando por onde ele anda. Ele já passou por outras regiões do Brasil?**

**Juliana Colares:** Tem uma questão: a gente fez um exercício muito grande durante o processo, e que não é fácil, que é um processo de entender uma outra forma de pensar, de se relacionar com as coisas e com a história do lugar. O Makunáima tem uma relação muito forte com uma região, que é a região da tríplice fronteira, a região do Monte Roraima, que é um local geológico diretamente relacionado com a história do Makunáima e a história do mundo em que a gente vive hoje. O Monte Roraima é um marco do início de um novo mundo. Ele tem essas características de trabalhar com fins de mundo e começos de mundo. Inclusive, ele não diz respeito a todas as etnias, ele diz respeito às etnias daquela região. Então, ele é praticamente desconhecido para o resto do Brasil. Tanto para nós desse Brasil mais urbano, que conhecemos Makunáima através da literatura e do cinema, quanto para o Brasil rural. Ele é desconhecido para a maioria das pessoas. Klaus e Séllos tiveram contato quando viajaram para lá para fazer o filme, mas eu tive contato com Makunáima por meio deles, já dentro do documentário, das pesquisas. Já os atores que participaram da peça com Antunes tiveram contato com a história quando foram fazer a peça. Então faz parte de uma história importante de uma região não só do Brasil, mas dessa tríplice fronteira da América Latina, que é muito desconhecida para a maioria das pessoas e que é muito bonita. Tem camadas de riquezas e encantamentos, que são, inclusive, muitas vezes difíceis de definir. Essa coisa que é muito ocidental de definição e de organização. Às vezes implica em entrar em várias outras camadas de pensamento, de cultura e de transmissão; de festa, de comida e de bebida. Tem toda uma relação de vários elementos culturais juntos para entender quem é Makunáima.

**Revista Visões – Klaus, como foi para você, um cara do Rio de Janeiro, viver a experiência de estar naquele local tão distante e desconhecido do resto do Brasil? Como foi o contato com a cultura daquela região de tribos em fronteira?**

**Klaus Schmaelter:** Ótima pergunta. Na verdade isso me incomodou no melhor dos sentidos. O tempo todo em que eu estive lá, na verdade, virou uma grande questão para mim. Eu fui para lá para fazer um trabalho independente de cinema, em que eu acreditava, com outros companheiros e pessoas que acreditavam numa história para contar. Não é o meu emprego. Não é a minha atividade principal. A gente está aqui imersa na realidade de uma metrópole, dos problemas daqui, das questões perto da capital, das coisas que giram em torno da capital. Eu acho que quando você vai para lá e escuta... é muito importante deixar claro que essas coisas todas, o Makunáima e toda essa carga cultural que a região tem, não é uma curiosidade, uma coisa exótica. Não é sobre isso. A maneira que eles se sentem em relação ao mundo e a relação com o fora deles é muito diferente da nossa relação com o fora. A relação que a gente tem aqui, mais perto da capital, mais perto de onde pulsam as relações urbanas, está mediada por várias outras coisas. Isso não é novo. Não sou eu que estou falando isso. Mas enfim, as alienações que a gente tem em relação ao outro, a nós mesmos, ao que é fora da gente na cidade... é uma outra coisa que quando você vai para uma região como aquela. Não é porque ela é remota. É porque é muito forte a cultura da região. Porque Roraima também tem isso. É uma capital, é uma cidade grande. Então não é só sobre ser remoto, mas quando você vai escutar as pessoas falando sobre a maneira como elas veem o mundo - especificamente a cosmogonia, do início do mundo - e a maneira como elas se relacionam com o mundo, o fora... A relação com o fora é algo muito diferente da nossa. Foi o que mais me pegou e me emocionou na coisa toda, porque a minha criação foi cristã, evangélica pentecostal. Então é uma criação de um imaginário muito mágico, que tem uma relação mágica com o mundo, como falar em línguas desconhecidas, línguas dos anjos, expulsar demônios e tal. Quando você vai escutar essa “mágica” em relação aos povos indígenas é totalmente diferente da relação mágica que eu cresci, por exemplo. A gente não tem uma relação mágica que seja desassociada da realidade. Então se alguém fala, por exemplo: “Eu olho para as estrelas para poder me guiar, porque nos céus estão os meus antepassados, que quando morrem viram estrelas, e você olha para o céu para se guiar”. É um pensamento que parece mágico tradicional, mas não é. É um pensamento que você está usando de

maneiras, de figuras, de símbolos e de signos para dar conta da realidade. Você está falando sobre um contato com a realidade. Então, se alguém escuta e fala: “Está escutando isso?” Algo que eu não estava ouvindo. “Daqui a pouco pode ser que chova” e aí chove. Não é mágica. Não é porque é um profeta. É porque existe uma conexão com o fora de si, com o que está ao entorno. Para a gente parece mágica, porque a gente faz parte de uma cultura que é historicamente alienada das coisas que estão fora da gente, seja o outro, como se sente o outro, o não eu, ou seja dentro da gente mesmo. Entender as coisas que nos tocam. Me parece que a gente aqui vive com muito - e aí eu falo eu que sempre vivi aqui no Rio de Janeiro, seja no subúrbio, seja nas regiões centrais -, a gente vive com muitos véus, muito ruído. Então a gente não consegue ouvir, não consegue parar para ouvir. O meu principal impacto que acontece lá, que mexeu muito comigo, foi de ver que existem muitas maneiras de ver o mundo e de se relacionar com o mundo. Nosso niilismo urbano chegou aqui por um caminho, uma construção. A gente foi empilhando coisas para chegar aqui. Isso é um processo. Enfim, tem coisas que são mais simples do que parecem ser, e que eles sacam disso milenarmente. Não é sobre uma grande elaboração intelectual, mas, sim, de como eles se sentem, das manifestações e relações com esses mitos. Óbvio que quando você vem de um lugar que você teve uma presença forte da Igreja Católica, ou das igrejas protestantes, você tem uma relação diferente com isso. Uma certa demonização do pensamento tradicional. O que também é bastante claro lá, onde se persiste nessa relação com o fora. Isso foi o maior impacto para mim. Uma pessoa daqui, um menino daqui, da cidade, branco, que sai daqui para escutar e ver como as coisas funcionam lá. A relação com o fora é muito diferente da nossa. É completamente diferente. É muito difícil, inclusive, de explicar, de não parecer, de não idealizar, porque não é idealizar. Eu acho que a gente deveria ouvi-los mais, porque a gente tem muito o que aprender. Tem muita coisa que já está dita há muito tempo, e a gente está aqui se debatendo com os nossos fantasmas.

**Revista Visões - Esse foi o primeiro trabalho juntos ou vocês já trabalharam em algum outro projeto?**

**Juliana Colares:** Não, esse foi o primeiro.

**Revista Visões - *Por Onde Anda Makunaíma?* é um documentário que trabalha com mágica, como fantasia. Como introduzir a fantasia dentro de um produto documental?**

**Juliana Colares:** Eu acho que, primeiro, a interpretação de ser algo mágico é uma interpretação a partir do nosso olhar. Mas é o que Klaus falou: quando se fala da religião cristã, fala de anjos, demônios, as passagens da bíblia etc., estamos falando de criações frutos da criatividade humana também. O documentário é muito um processo de escuta, eu acho. Não só em relação a Roraima, mas em relação a todas as entrevistas que a gente faz. Então, isso que ele falou. Cerca de 50% ou mais da equipe é local. A gente teve parceria para pesquisa, entrevistas com pessoas locais de Roraima, dessas regiões que já conhecem as etnias, que já têm todo um trabalho na região. É muito um processo de pesquisa do que produzir. Saber quem foi o primeiro etnógrafo que colocou no papel o mito do Makunaima, quem leu o de Mario de Andrade para poder reescrever o mito de Makunaíma... Mas também um processo muito grande de quem foi Makunaíma, Makunaíma ou Makunaimã para cada um dos entrevistados. Esse é um processo muito verdadeiro e muito documental de realidade mesmo, porque isso que o Klaus falou sobre mágica, a gente tem no filme frisando que o mito não é uma mentira. Quando a gente trata o mito como uma mentira ou como uma criação, é sempre o do outro. A gente tem muito centrado em nós mesmos que, a partir da gente, temos que entender o resto do mundo. O mundo não é nem um, são vários. Não existe um mundo só. Existem várias visões de mundo e todas elas são reais. Então não tem uma dissociação entre visão mágica, visão criativa de realidade. Isso é realidade também.

**Revista Visões - *Essa região é uma região de tríplice fronteira, que pega um pedaço da Venezuela, país que é muito falado aqui no Brasil, sendo polêmicas informações cuja veracidade não sabemos. Klaus, o que você tem a dizer sobre sua experiência na Venezuela?***

**Klaus Schamaelter:** Cara, para não me ocorrer de tentar falar da parte como um todo. Eu estive numa região muito pequena, que fica perto de Roraima, para ir para Paraitepy, que é a comunidade indígena onde você faz acesso ao Monte Roraima. Inclusive é um lugar turístico. Não com estrutura turística, mas passa muito turista lá, porque é por onde você precisa passar antes de fazer toda a caminhada e a trilha, que são de dias, até chegar ao Monte Roraima. É um circuito de aventura famoso no turismo. Então, a região que eu conheci, esse pequeno espaço, é o que eu pude ver. Tem uma



curiosidade que a primeira pessoa que falou sobre o Makunáima, personagem indígena, foi um etnólogo alemão, um explorador do início do século XX, que teve incentivos de universidades da Alemanha para fazer isso. A gente teve um contato lá com um outro alemão que estava morando na Venezuela na época. Foi um pouco antes da crise da fronteira e as coisas que vimos acontecer aqui. Foi em novembro para dezembro de 2018, e o pouco que conseguimos ver lá, de escolas públicas e da região, já estava uma questão de desabastecimento muito forte. A região que eu fui, a cidade que foi na fronteira, foi uma cidade que ainda não estava sofrendo o impacto. Como se fosse uma cidade de interior, que tinha sua infraestrutura ali, e que, enfim, ainda não estava sofrendo o impacto do desabastecimento, apesar de você já ver. Uma das coisas que a gente ouviu, por exemplo, desse pesquisador alemão foi que muitas coisas que estavam se segurando lá, como, por exemplo, a educação e a escola. Inclusive, fomos ver uma aula de música para estudantes indígenas, que envolve tanto estudar violino, música erudita europeia, quanto - que era um projeto desse pesquisador - ter uma retomada para mostrar os cantos tradicionais para as crianças. Essa estrutura só ainda estava de pé por causa do que tinha sido feito pelo Chaves, antes daquele momento de fortalecimento do Estado, lá na Venezuela. Então fazer um diagnóstico de todo o país a partir de onde eu fui é impossível e injusto. Eu nem posso me aventurar por causa da minha ignorância. Tenho muito o que estudar e aprender dali, mas o que deu para ver sobre é que existe uma parte forte de organizações indígenas e de um posicionamento lá. Já tinha também um posicionamento do Exército (venezuelano) mais forte em relação ao que entrava ou não entrava naquela região de equipamentos, como drone. Já tinha sido depois do atentado contra o Maduro. Então toda a coisa daquela região a gente já conseguia ver, a pobreza e tal. Mas o que a gente pôde ver foi que o que ainda ficava de pé tinha a ver com o que o Estado tinha estruturado antes, e muito rapidamente a gente foi para Paraitepuy, que é essa região indígena. Lá é muito frágil. É bom lembrar que todas as regiões onde têm povos indígenas são regiões muito frágeis, de falta de recursos e outras coisas. O Viveiros de Castro tem uma citação interessante sobre essa coisa, mas especificamente no Brasil, que é o plano de transformar o indígena em pobre. A gente escutou de um personagem muito interessante - acho que não acabou entrando no corte final, na Venezuela - sobre ele falando que só quer ser os povos originários dessa terra e exercer o que já sabe fazer, continuar fazendo o que a gente já sabe tradicionalmente fazer e como cuidar da terra. Porque no meio do Capital a gente fala sobre sustentabilidade, como cuidar da natureza, e quem é que cuida da natura melhor do que o indígena? Quem é que tem a relação mais

potente e de maior equilíbrio e de colaboração efetiva do que o indígena? Quem melhor cuida da floresta? Enfim, e isso é uma coisa que fica muito clara naquela região. Eles gostariam de poder ser livres para poder seguir com a própria cultura, e sempre estamos questionando culturas e, de uma alguma maneira, tentando reavaliar e vendo que a cada tempo a gente tenta produzir uma cultura diferente, mas a gente não consegue. Nós, brancos, e o Capital, somos um grande empecilho para eles fazerem coisas que já sabem fazer, que já estão estabelecidas. Eles estão querendo ser os povos originários dessa terra. Não é muito a mais. Eles não querem conquistar outras partes ou sair dominando território. É a gente que faz isso. Desculpe me alongar, só que tem umas coisas muito fundamentais. Por exemplo, como a gente ouviu lá, que não é do pensamento indígena tradicional criar animais para você consumir. Essa é uma coisa mais branca, por exemplo, criar gado para depois matar e comer a carne. Isso não é tradicionalmente uma coisa indígena. Os indígenas são de caça, eles vão ao mundo e pegam o que está lá. Caçam e pegam o suficiente para comer. Não tem essa lógica extrativista ou de acúmulo, nesse sentido. Óbvio que hoje em dia vai ter o indígena vaqueiro, porque hoje em dia não tem mais o lugar da caça, para a galera ir lá e caçar. Onde era a caça hoje é território de outrem, de algum fazendeiro ou algo do tipo. Histórias loucas que a gente ouve, de gente que pesca na parte de cima do rio para não chegar peixe para os indígenas. Então deixa de ser uma possibilidade eles viverem como sempre viveram e como sabem viver, que é em perfeita harmonia com o fora, porque eles não querem destruir aquilo ali. É a casa deles e é, na verdade, a nossa casa. É a casa de todo mundo. É quase como se eles fossem uma outra tribo de homo sapiens que sacaram isso, e a gente é outra tribo que não sacou ainda ou que foi por outra linhagem do controle. Enfim...

**Revista Visões - Vocês falaram que o Makunaíma é um personagem múltiplo e diz muito sobre o determinado momento histórico e o local em que ele está sendo lido e interpretado. Então, o que Makunaína tem a dizer sobre o Brasil no qual estamos vivendo hoje?**

**Juliana Colares:** Difícil, né? O próprio “por onde anda?” já é uma pergunta difícil, ainda mais uma resposta sobre o Brasil de hoje. Então não saberei te responder o que Makunaíma iria dizer sobre o Brasil de hoje. Até porque tem muito isso, que quando a gente fala que ele é uma personagem múltipla, eu acho que é múltiplo para a gente que conhece o Makunaíma de Mario de Andrade e não o Makunáima. E para quem conhece o Makunáima ou Makunaimã, ele é realmente muito diverso para cada pessoa. Cada área,

cada relação, cada construção, mas essa pergunta, ela é realmente muito difícil. Arrisca aí, Klaus?

**Klaus Schmaelter:** Eu só arrisco dizer que eu sigo perguntando: será que Makunaíma estaria no Brasil? Assim, no Brasil ele estaria, mas será que estaria em qual canto? Será que ele estaria a fim de encarar isso aqui? Porque tem uma coisa curiosa sobre o Makunaima/Makunaimã: ele é um *trickster*<sup>2</sup>. Ele é um pouco Exu<sup>3</sup>. Ele é um pouco brincalhão. Ele não é nem bom e nem mau, porque essa moralidade é muito da nossa cultura ocidental, judaico-cristã. Para os indígenas, ele não é nem bom e nem mau. Às vezes têm pessoas que dizem que ele é bom, têm outras que dizem que é mau, porque depende do ponto de vista. É como o mar. O mar, para o naufrago, é ruim, mas para o surfista é ótimo. Então é uma questão de que não é nenhum dos dois. É uma questão moral que não sei se cabe. Makunaíma estaria aqui no meio da gente? Não sei, porque ver o filme do Joaquim Pedro, e ver o que Makunaíma passa em São Paulo...

**Juliana Colares:** O próprio contorno do que é o Brasil não faz parte da cultura de Makunaíma. Então talvez ele dissesse: “cara, isso aí é com vocês, porque eu não tenho muito a ver com isso não”. Esse contorno geográfico e essas escolhas que estão sendo feitas não são um problema de Makunaíma.

---

<sup>2</sup> É um arquétipo, presente em diferentes mitologias e folclores, de uma personagem que prega peças e desobedece às normas de comportamento.

<sup>3</sup> É o orixá guardião da comunicação nas religiões originárias da África, como o Candomblé e a Umbanda.